



**METROPOLE**

SSA-BA

14 MAI 2026

# Capitanias hereditárias da política baiana

Dezenas de filhos, esposas, irmãos e sobrinhos de líderes influentes ocupam boa parte dos espaços de poder na Câmara de Vereadores de Salvador, Assembleia Legislativa e Congresso Nacional, catapultados pela estrutura herdada de clãs com longa tradição política. Págs. 2 a 4



Evangélicas se rebelam contra omissão de pastores e bispos sobre violência doméstica. Págs. 6 e 7



Apesar dos riscos e do cerco da Anvisa, bronzeamento artificial ainda é febre em Salvador. Págs. 10 e 11



Cinco jogadores vão competir pelo posto de 'homem-gol' do Brasil na Copa do Mundo. Pág. 12



# Meu poder será tua herança

Capitanias hereditárias da política baiana inundam os espaços de influência no estado e em Brasília com dezenas de filhos, esposas, irmãos e sobrinhos de líderes

Texto **Daniela Gonzalez**  
[redacao@radiometropole.com.br](mailto:redacao@radiometropole.com.br)

A política baiana pouco mudou de rosto nas últimas décadas. Apesar do discurso frequente de renovação, filhos, esposas, irmãos e sobrinhos de lideranças tradicionais seguem ocupando cargos estratégicos na Câmara de Salvador, na Assembleia Legislativa da Bahia e no Congresso Nacional. Em muitos casos, muda o nome na urna ou às vezes nem isso, mas o sobrenome continua o mesmo, como uma transferência hereditária do poder.

O fenômeno atravessa partidos e ideologias e mostra como a política estadual ainda opera dentro de uma ampla teia familiar,

sustentada por alianças históricas, redutos eleitorais e sobrenomes já cristalizados no imaginário do eleitorado. Em vez de romper estruturas antigas, a renovação política baiana frequentemente apenas reorganiza os mesmos grupos em novas gerações.

Boa parte desses herdeiros inicia a corrida eleitoral em vantagem, com capital político acumulado, acesso facilitado a partidos, financiamento, visibilidade pública e bases herdadas ao longo de décadas. Enquanto isso, candidatos sem vínculos familiares precisam disputar espaço em um cenário onde influência e poder, muitas vezes, parecem funcionar como patrimônio de família.

Na Câmara de Vereadores de Salvador,

alguns exemplos ilustram a perpetuação das capitanias hereditárias da política baiana. Alexandre Aleluia (Novo) carrega o sobrenome do pai, o ex-deputado José Carlos Aleluia. Duda Sanches (União Brasil) construiu trajetória política também sob influência do patriarca, o deputado estadual Alan Sanches, que morreu em janeiro deste ano. Cláudio Tinoco (União Brasil) é sobrinho de Eraldo Tinoco, um dos nomes históricos do carlismo baiano, ex-vice-governador e ex-ministro da Educação no governo Collor. Já Débora Santana (PSDB) é filha do ex-deputado Carlos Ubaldino.

A lista ainda inclui João Cláudio Bacelar (Podemos), filho do deputado federal Bacelar (PV); Kiki Bispo (União Brasil), filho do ex-vereador Everaldo Bispo; Marcelle Moraes (União Brasil), irmã do ex-deputado estadual Marcell Moraes; e Marcelo Guimarães Neto (União Brasil), filho e neto dos ex-deputados Marcelinho e Marcelo Guimarães, ambos ex-presidentes do Bahia.

Completam a lista Paulo Magalhães Júnior (União Brasil), filho do deputado federal Paulo Magalhães (PSD), sobrinho-neto de ACM e primo do ex-prefeito ACM Neto, pré-candidato do União Brasil ao governo e integrante da mais poderosa capitania hereditária da política baiana; e Randerson Leal (Podemos), filho do deputado estadual Roberto Carlos (PV).



Publisher **Editora KSZ**  
 Diretor Executivo **Chico Kertész**  
 Editor-Chefe **Jairo Costa Jr.**  
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**  
 Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**  
 Redação **Daniela Gonzalez, Duda Matos, Ismael Encarnação, Jairo Costa Jr., Kamille Martinho, Victor Quirino e Vitor Bahia**  
 Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**  
[comercial@jornaldametropole.com.br](mailto:comercial@jornaldametropole.com.br)  
 Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambuco - CEP 41100-010  
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

# Vale o que o nome pesa

A permanência dessas famílias revela a força de estruturas políticas históricas baseadas em influência regional, controle de bases eleitorais e transferência de capital político entre gerações. Embora os discursos falem em modernização, juventude e renovação, a política baiana continua girando em torno de grupos tradicionais que se reinventam sem, necessariamente, abrir espaço para novas forças fora dessa rede.

Outro ponto destacado é que o fenômeno não está concentrado em um único campo político. Embora seja maior em grupos ligados historicamente ao carlismo e à direita, as capitânicas hereditárias do poder

aparecem também partidos do centro e da esquerda. Isso demonstra que a lógica familiar da política brasileira deixou de ser característica isolada para se tornar parte estrutural do sistema político.

Apesar das críticas, a hereditariedade política não representa ilegalidade nem garante vitória automática nas urnas. Todos os candidatos precisam enfrentar eleições e conquistar votos. Ainda assim, o peso dos sobrenomes tradicionais evidencia uma desigualdade de largada entre políticos já inseridos em famílias influentes e candidatos que tentam entrar na disputa sem estrutura herdada. É importante diferen-

ciar hereditariedade política de nepotismo.

Embora os dois conceitos sejam frequentemente associados, eles possuem naturezas distintas dentro da legislação. A hereditariedade política acontece quando familiares de lideranças tradicionais conquistam cargos por meio do voto popular.

Já o nepotismo envolve a nomeação de parentes para cargos públicos sem concurso dentro da própria gestão do familiar. Na prática, filhos, esposas ou irmãos de políticos podem concorrer normalmente a mandatos eletivos, desde que respeitem as regras eleitorais. Isso porque a Constituição não proíbe que parentes disputem eleições.

## Câmara de Vereadores de Salvador reúne dez herdeiros políticos



Alexandre Aleluia



Randerson Leal



Débora Santana



Paulo Magalhães Júnior



Kiki Bispo



Marcelle Moraes



Cláudio Tinoco



Marcelo Guimarães Neto



João Cláudio Bacelar



Duda Sanches

## Dinastias baianas na Alba

Na Assembleia Legislativa da Bahia (Alba), o DNA político cria também uma extensa lista. O deputado estadual Angelo Coronel Filho (Republicanos) é filho do senador Angelo Coronel. Antônio Henrique Júnior (PV) herdou o capital político do pai, o ex-prefeito de Barreiras Antônio Henrique, uma das principais lideranças do Oeste baiano. Eduardo Alencar (PSD), por sua vez, é irmão do senador Otto Alencar (PSD). Jordávio Ramos (PSDB) é filho da ex-prefeita de Juazeiro Suzana Ramos, enquanto Júnior Nascimento (União Brasil) é primo de um dos principais caciques da oposição, o deputado federal Elmar Nascimento.

Também fazem parte desse grupo Kátia Oliveira (União Brasil), esposa do ex-prefeito de Simões Filho Dinha Tolentino; Laerte do Vando (Avante), filho do ex-deputado Vando, que foi prefeito de Monte Santo; Luciano Simões Filho (União Brasil), filho do ex-deputado Luciano Simões; Ludmilla Fiscina (PSD),

esposa do ex-prefeito de Alagoinhas Joaquim Neto; Manuel Rocha União Brasil, filho do deputado federal José Rocha; Marcelinho Veiga (PP), genro do ex-deputado Marcelo Nilo; Matheus Ferreira (MDB), filho do vice-governador Geraldo Júnior; Soane Galvão (Avante), esposa do ex-prefeito de Ilhéus Mário Alexandre, o Marão; e Vítor Bonfim (PSB), filho do ex-deputado João Bonfim, atual conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (TCE).

### PARENTADA EM BRASÍLIA

As capitânicas do poder têm ainda espaço privilegiado no Congresso. O deputado federal Adolfo Viana (PSDB), por exemplo, é filho do ex-deputado e ex-presidente do TCE Antônio Honorato. Diego Coronel (Republicanos) herdou o capital político do pai, o senador Ângelo Coronel. Félix Mendonça Júnior (PDT) mantém o sobrenome de uma família tradicional de Itabuna, cidade onde o patriar-

ca, o ex-deputado Félix Mendonça, já foi prefeito, enquanto Gabriel Nunes (PSD) segue os passos do pai, o ex-deputado José Nunes.

No mesmo diapasão, Ivoneide Caetano (PT) construiu carreira ao lado do grupo político liderado pelo marido, o prefeito de Camaçari, Luiz Caetano. Leur Lomanto Júnior (União Brasil) carrega uma das linhagens mais conhecidas da política baiana - o avô, Lomanto Júnior, foi governador da Bahia, e Mário Negromonte Júnior (PSB) herdou a base do pai, o ex-ministro Mário Negromonte, conselheiro do TCM.

Também aparecem nessa engrenagem Neto Carletto (Avante), sobrinho do ex-deputado Ronaldo Carletto; Otto Filho (PSD), herdeiro político do senador Otto Alencar, que este ano deixou a Câmara dos Deputados para assumir vaga no TCE; Paulo Azi (União Brasil), filho do ex-deputado federal Jairo Azi; e Roberta Roma (PL), esposa do ex-ministro João Roma, presidente estadual do partido e pré-candidato ao Senado na chapa de ACM Neto.

# Fenômeno se repete em países ricos, diz cientista político

O sociólogo e cientista político Ariel Calmon, mestre em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB), afirma que a presença de sobrenomes tradicionais se mantém como característica marcante da política brasileira. Contudo, segundo ele, o fenômeno não é exclusivo do Brasil e aparece em nações consideradas democracias consolidadas, como Estados Unidos, Canadá e países europeus.

“A política brasileira ainda é muito centrada em nomes familiares, mas não só aqui”, afirmou Calmon. “Quando a gente

olha Estados Unidos, Canadá ou até mesmo Europa, encontra casos de famílias que se perpetuam no poder ocupando cargos nos três poderes”, acrescenta.

O pesquisador destaca ainda que estudos apontam forte presença de famílias políticas no Congresso Nacional. “A gente tem uma Câmara de Deputados com quase 50% ocupada por representantes vinculados a famílias políticas”, disse. De acordo com ele, essa influência se espalha pelo Executivo, Legislativo e Judiciário, incluindo cargos temporários e postos permanen-

tes por indicação.

## LÓGICA REPRODUZIDA

Ao analisar o cenário baiano, Calmon afirmou que o estado reproduz uma lógica histórica de concentração familiar de poder. Segundo ele, sua pesquisa de mestrado identificou famílias presentes nos Três Poderes por décadas consecutivas.

“Há famílias que se estendem por, no mínimo, seis décadas no poder”, afirmou. “Existe uma centralidade na família Magalhães, mas há um conjunto de outras famílias que se fortalecem principalmente por capitais econômicos em regiões específicas do estado.”

Para o cientista político, o discurso de renovação política entra em contradição quando figuras ligadas a grupos tradicionais se apresentam como novidade eleitoral. Ao citar o ex-prefeito ACM Neto como exemplo, ele afirmou que grupos tradicionais podem se apresentar como renovação política, mesmo permanecendo no poder por décadas.

“No fundo, esse grupo nunca deixou de estar no poder”, disse. “Não é só o cargo de governador, mas um conjunto de recursos sociais adquiridos pela família que permitem a nomeação de desembargadores, dirigentes partidários e outros nomes ligados ao grupo”, emendou.



ia/chatgpt

## Barreira ao novo

Calmon avalia que a permanência dessas estruturas familiares acaba dificultando uma renovação política efetiva. “Quando a gente olha para famílias políticas exercendo esse poder, no fundo, elas impedem uma renovação política”, afirmou.

O pesquisador também disse que a sociedade brasileira naturalizou a transmissão de capital político entre familiares. Segundo ele, isso aparece inclusive no comportamento do eleitorado e nas campanhas eleitorais. “É muito comum ouvir que alguém é herdeiro político de não sei quem ou apadrinhado de fulano. A sociedade percebe, mas não problematiza esse fato”, explicou.

Segundo ele, essas famílias acabam dominando não apenas o eixo político, mas também setores econômicos e meios de comunicação, o que afeta diretamente a percepção do eleitor.

**Quando a gente olha para famílias políticas exercendo esse poder por gerações, no fundo, elas impedem uma renovação política**

**Ariel Calmon**  
Cientista político



divulgação

# AVATAR SEGURO INFÂNCIA PROTEGIDA



**VAMOS PROTEGER AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES  
CONTRA OS CRIMES VIRTUAIS SEXUAIS**

**MANTENHA O  
DIÁLOGO ABERTO**  
CONVERSAR SOBRE A ROTINA  
ONLINE AJUDA A PROTEGER.

**ORIENTE SOBRE OS RISCOS**  
ENSENE A NÃO COMPARTILHAR DADOS PESSOAIS,  
FOTOS OU CONVERSAR COM DESCONHECIDOS.

**LEVE ALERTAS A SÉRIO**  
SEGREDOS, PRESENTES VIRTUAIS  
E ABORDAGENS INSISTENTES  
MERECEM ATENÇÃO.

**ACOMPANHE DE PERTO**  
CONHEÇA OS JOGOS, REDES E APLICATIVOS QUE  
CRIANÇAS OU ADOLESCENTES UTILIZAM.

**USE FERRAMENTAS  
DE PROTEÇÃO**  
ATIVE CONTROLES PARENTAIS E  
CONFIGURAÇÕES DE PRIVACIDADE.

**DENUNCIE**  
AO IDENTIFICAR QUALQUER  
SUSPEITA

**DENUNCIE DISQUE 100**



**SALVADOR**  
PREFEITURA



# A rebelião das evangélicas

Por meio de uma rede de apoio coletiva, pastoras e fiéis rompem silêncio sobre violência doméstica e pressionam igrejas em busca de acolhimento e proteção

Texto **Duda Matos**  
[redacao@radiometropole.com.br](mailto:redacao@radiometropole.com.br)

Em muitos casos, a primeira pessoa que uma vítima de violência doméstica procura não é um policial, um advogado ou um familiar. É alguém da igreja. No Brasil, onde 83,6% da população se declara cristã, segundo o último Censo do IBGE, de 2022, a religião ocupa espaço central na vida cotidiana de milhões de mulheres.

É dentro dos templos que muitas delas encontram pertencimento, apoio emocional, rede de convivência e orientação espiritual. Mas é também nesse ambiente que, durante décadas, inúmeras vítimas ouviram que deveriam “orar mais”, “ter paciência”, “preservar a família” e suportar em silêncio situações de violência física, psicológica e moral.

Os números ajudam a revelar a dimensão desse cenário. A pesquisa Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil, divulgada em 2025 pelo Fórum Brasileiro de Se-

gurança Pública em parceria com o Instituto Datafolha, mostra que 42,7% das evangélicas relataram já ter sofrido agressões praticadas por companheiros ou ex-companheiros. Entre mulheres católicas, o índice é de 35,1%.

Outro levantamento, do Instituto DataSenado, aponta que 53% das mulheres em situação de violência procuram primeiro a igreja antes mesmo da família ou dos serviços públicos de proteção. O dado evidencia o peso que a religião exerce na forma como essas mulheres enfrentam a violência, especialmente, em silêncio.

## QUEBRA DE PADRÃO

O debate ganhou repercussão nacional após a fala da pastora Helena Raquel viralizar nas redes sociais durante um dos maiores congressos evangélicos do país. Líder da Assembleia de Deus Vida na Palavra (ADPIV), do Rio de Janeiro, ela tratou de temas como violência doméstica, abuso sexual e pedofilia dentro das igrejas e

criticou o silêncio de lideranças religiosas diante desses casos.

Na pregação, Helena questionou a permanência de agressores em posições de autoridade dentro das instituições religiosas. Em um dos trechos mais compartilhados, afirmou que “não existe capacidade de se encontrar na mesma figura um pastor e um abusador; ou é pastor, ou é abusador”.

Nesse contexto de mobilização crescente, Salvador recebeu uma caminhada organizada por lideranças religiosas e mulheres de diferentes denominações evangélicas, cujo objetivo foi levar o tema da violência doméstica para as ruas. A iniciativa faz parte de um conjunto recente de articulações que têm surgido dentro do próprio meio evangélico.

A organização integra o movimento Mulheres Evangélicas contra o Femicídio, articulado pela pastora e historiadora Gicélia Cruz. O grupo reúne lideranças religiosas, ativistas e mulheres que vivenciaram violência doméstica e passaram a atuar publicamente no enfrentamento ao problema.



ia/chatgpt

# Fé, culpa e silenciamento

Para Gicélia Cruz, ainda é comum que vítimas sejam orientadas a suportar situações de violência em nome da preservação da família. “Muitos líderes utilizam trechos isolados da Bíblia para justificar que a mulher permanece no ciclo de violência”, diz.

A reverenda Bianca Daébs afirma que a forma como textos religiosos foram interpretados ao longo da história contribuiu para a consolidação de desigualdades dentro das igrejas. Segundo ela, a Bíblia passou a ser usada, em muitos contextos, como ferramenta de controle.

“O texto bíblico deveria ser lido tendo como chave o amor, o perdão e a graça, mas virou um manual de culpa e medo”, afirma Bianca. Ela destaca que, em muitos casos, vítimas ainda são responsabilizadas pela violência que sofrem, sendo orientadas

a “orar mais” ou “melhorar espiritualmente” para salvar o casamento.

## MEDO DA DESCONSTRUÇÃO

A administradora e evangélica Dagmar Santos conhece essa realidade de perto. Vítima de violência doméstica durante o casamento com um homem da mesma religião, ela afirma que sua atuação nasce da experiência direta com o problema. “Eu faço essa luta porque sei como dói na pele”, diz.

Segundo Dagmar, muitas mulheres permanecem em silêncio porque temem romper não apenas um relacionamento, mas toda uma construção social e religiosa em torno da família. “Essa mulher blinda esse homem para que as pessoas não saibam qual é a conduta real dele. Para a sociedade ele monta um cenário do homem perfeito, cuidadoso, zeloso.”



reprodução

**Não existe capacidade de se encontrar na mesma figura um pastor e um abusador; ou é pastor, ou é abusador**

**Helena Raquel**  
Pastora

## Redes de acolhimento

Apesar do cenário de omissão e silêncio, lideranças cristãs afirmam que há um crescimento de redes de apoio dentro das igrejas. Grupos de mulheres evangélicas têm criado espaços de escuta, orientação jurídica e formação para acolhimento de vítimas.

Segundo Dagmar Santos, o objetivo dessas iniciativas é romper o ciclo de violência sem afastar as mulheres de sua fé. “Primeiro a gente acolhe, depois encaminha e acompanha essa vítima para que ela consiga sobreviver e depois voltar a viver”, afirma.

No entanto, a reverenda Bianca Daébs destaca que ainda há um desafio estrutural importante, que envolve a formação de lideranças religiosas para lidar com casos de violência. Segundo ela, muitas igrejas não sabem como encaminhar corretamente vítimas para a rede de proteção. “É preciso saber como acessar as DEAMs (Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher), o Ministério Público, a Casa da Mulher Brasileira e os

centros de referência”, afirma.

## DEBATE EM CONSTRUÇÃO

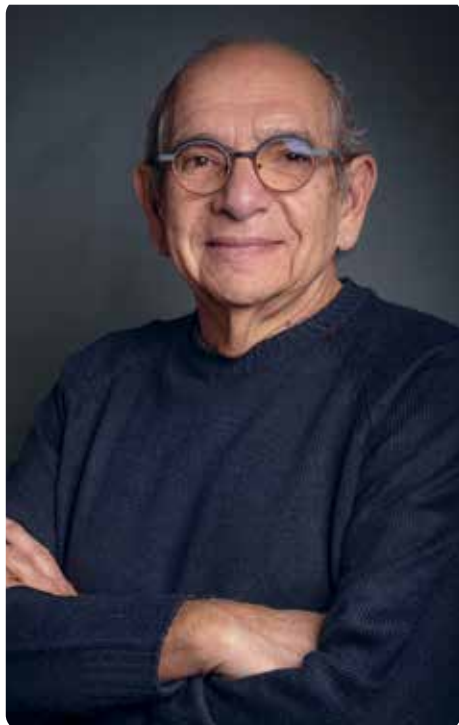
O avanço do debate dentro das igrejas ainda acontece de forma gradual, impulsionado principalmente pela articulação entre mulheres que passaram a compartilhar experiências e reconhecer padrões de violência antes naturalizados. “Hoje a gente conseguiu romper essa bolha. As mulheres começaram a questionar, buscar outros caminhos e entender que fé não pode ser justificativa para sofrimento”, destaca Dagmar.

Ela avalia que, apesar da ampliação do tema para o espaço público e religioso, o enfrentamento da violência doméstica no meio evangélico ainda depende de mudanças internas nas próprias estruturas das igrejas e de maior preparo para acolhimento das vítimas. “Ainda é um processo de formiguinha, mas a gente luta porque precisa deixar um futuro mais saudável para as nossas filhas”, completa.

CIDADE



METROPOLE



# O 'mamão' da Princesa Isabel

**Mário Kertész**

Radialista, apresentador, ex-prefeito e agora escritor

Minha mãe, Sara Violeta, dirigia mal. Muito mal. Mas dirigia.

Hoje isso não impressiona ninguém. Mulher no volante, em Salvador, é apenas mais uma cidadã tentando sobreviver ao trânsito e aos ônibus atravessados. Mas nos anos 40 e 50, minha mãe dirigindo pela cidade era quase um acontecimento público.

Imaginem a cena. Uma dentista jovem, casada, alegre, falante, atravessando a Avenida Sete num enorme Plymouth 1951, enquanto as pessoas olhavam como se estivessem vendo uma nave espacial estacionando na Bahia.

Mamãe foi uma das primeiras mulheres da cidade a dirigir automóvel. E fazia isso com a coragem de uma pioneira e a técnica de um pequeno desastre urbano.

Meu pai, Jorge Kertész, homem bem-sucedido no comércio, insistia: "Você não precisa trabalhar".

Mas ela precisava. Não exatamente do salário. Precisava da independência. Gostava de ganhar o próprio dinheiro para comprar suas coisas, presentear os filhos, viver sem pedir licença a ninguém. E gostava profundamente da profissão.

Trabalhou a vida inteira como dentista. Era dentista concursada da Prefeitura de Salvador e ainda participou da montagem do museu da Escola de Odontologia da Universidade Federal da Bahia.

Era expansiva, alegre, dessas pessoas que fazem amizade antes mesmo da apresentação. Conhecia todo mundo na prefeitura. Quando chegava o dia do pagamento, eu, menino, ia com ela até a tesouraria, instalada no prédio onde hoje funciona a Câmara Municipal. Enquanto os outros enfrentavam fila, mamãe entrava direto.

Não por arrogância. Por intimidade afetiva.

Cumprimentava tesoureiros, perguntava pela família dos funcionários, ria alto, conversava com todos.

Mas uma das minhas inúmeras lembranças dela continua sendo sua guerra permanente contra o automóvel. Ou, mais precisamente, contra o ato de estacionar.

Mamãe simplesmente não sabia estacionar. Chegava na Avenida Sete, parava o carro no meio da rua, baixava o vidro e convocava o primeiro motorista que aparecesse: "Por favor, venha cá estacionar esse carro para mim".

E o cidadão estacionava.

Naquele tempo existia uma solidariedade urbana que hoje desapareceu. Ou talvez as pessoas apenas quisessem evitar uma tragédia mecânica maior.

O pobre Plymouth sofreu.

Era um carro bonito, americano, imponente. Depois de alguns anos sob os cuidados maternos, virou praticamente uma escultura expressionista sobre

quatro rodas. Na hora da venda, ninguém perguntava o modelo.

Perguntavam: "Esse é o famoso mamão da Princesa Isabel?".

Virara uma celebridade automobilística de Salvador.

E havia ainda a garagem da nossa casa, no começo de uma ladeira tão inclinada que parecia prova para pilotos da Força Aérea. Mamãe se recusava terminantemente a tirar o carro dali. Telefonava para o ponto de táxi, então chamado "carro de praça", do Hospital Português.

O motorista vinha, retirava o automóvel da garagem, e ela saía feliz pela cidade, pronta para ampliar discretamente os prejuízos da lataria do carro.

Mas havia nela algo profundamente moderno para aquela época.

Enquanto muitos homens ainda discutiam se mulher devia trabalhar, ela já trabalhava. Enquanto achavam absurdo mulher dirigir, ela já dirigia.

Mal, é verdade. Mas dirigia.

Nunca fez discursos feministas, nunca levantou bandeiras ideológicas. Apenas viveu do jeito que queria numa época em que isso, sozinho, já era revolucionário.

E talvez por isso tenha deixado marcas tão profundas, apesar de ter morrido aos 49 anos de idade.

Algumas delas, inclusive, nos automóveis de Salvador.



reprodução



# Oncologia Mater Dei

Para todas as chances  
que a vida merece

Responsável técnico: Dr. Ezio Novais - CRM 8429

Na Oncologia Mater Dei, temos um cuidado integrado que abrange diagnóstico e tratamento. É um caminhar junto. Equipe, exames, tecnologias, tratamentos especializados e atualizados com o que há de mais moderno na Medicina. **Para que cada paciente seja avaliado e tratado como ele é: único.**

Download on the  
App Store

GET IT ON  
Google Play

meu

✚ MaterDei

Baixe agora  
o app Meu Mater Dei  
ou acesse:  
[meu.materdei.com.br](http://meu.materdei.com.br)



✚ MaterDei  
Rede de Saúde

com  
você,  
por toda  
a vida.

# Bronze do perigo

Apesar de alertas de especialistas para risco alto de câncer de pele e do cerco impostos pela Anvisa, máquinas de bronzeamento artificial seguem atraindo clientes em Salvador

Texto **Ismael Encarnação**  
redacao@radiometropole.com.br

O quarto escurece, fitas em formato de biquíni são ajustadas ao corpo e as lâmpadas começam a emitir uma luz forte, quente e artificial. Em poucos minutos, a promessa aparece diante do espelho: pele dourada, marcas bem desenhadas e a sensação de autoestima renovada. Em Salvador, onde o bronzeado é moda quase desde que o mundo é mundo, máquinas de bronzeamento seguem atraindo clientes, mesmo sob proibição da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

O fenômeno vai além da estética. A busca pela chamada “marquinha perfeita” vem sendo impulsionada por uma combinação poderosa de pressão estética, influência digital e a ideia de que o bronzeado representa beleza, saúde e autocuidado.

A Anvisa mantém, desde 2009, a proibição de câmaras de bronzeamento artificial para fins estéticos no Brasil. A decisão foi tomada após a Agência Internacional de Pesquisa em Câncer, ligada à Organização Mundial da Saúde (OMS), classificar os equipamentos como cancerígenos para humanos.

Na última semana, seis espaços que

ofereciam bronzeamento artificial foram interditados em Salvador e Lauro de Freitas, durante uma operação conjunta de fiscalização. Em cinco deles, além das máquinas, foram encontrados produtos sem autorização sanitária, vencidos ou adulterados.

Hoje, as máquinas de bronzeamento já não são câmaras como nos anos 2000. Os modelos são abertos, em formatos de corredor, em pé ou deitados. Apesar da diferença, na prática, o princípio é o mesmo: uso de lâmpadas ultravioleta, principalmente UVA, com raios capazes de penetrar profundamente na pele.



## “Autoestima lá em cima”

Durante muito tempo, a servidora pública Ellen Dias, de 25 anos, moradora da cidade de Mata de São João, na RMS, evitou fazer bronzeamento, justamente pelos alertas que via sobre queimaduras e câncer de pele. No entanto, dos últimos tempos para cá, aderiu ao bronzeamento artificial.

O que acabou vencendo o medo não foi exatamente a busca pela marca desenhada no corpo. Foi o que vinha depois dela. Ellen conta que começou a se interessar pelo bronzeamento ouvindo mulheres relatarem mudanças na autoestima após as sessões.

A ideia de se sentir mais bonita, mais

confiante e mais satisfeita com a própria aparência passou a despertar curiosidade. O ponto decisivo veio quando viu uma influenciadora em quem confiava abrir o próprio espaço de bronzeamento. Desde então, a percepção de segurança mudou.

A primeira experiência foi no bronze de fita em máquina. Antes disso, ela chegou a fazer bronzeamento no sol, mas não gostou do resultado. Nas máquinas, segundo relata, o tom ficava mais uniforme e mais intenso.

Com o tempo, o bronze passou a ocupar um espaço fixo na rotina estética da ser-

vidora. Ellen descreve a marquinha como parte de um conjunto que ajuda a elevar a autoestima, junto com cabelo, maquiagem, unhas e cílios. Mesmo consciente dos riscos, afirma que continua fazendo sessões porque gosta da sensação provocada pelo resultado na pele.

A experiência narrada por ela ajuda a mostrar por que o bronzeamento segue crescendo mesmo diante dos alertas médicos. Não se trata apenas de cor de pele. Existe uma dimensão emocional ligada à sensação de pertencimento, beleza e valorização da própria imagem.

# Método esconde 'gato por lebre'

O dermatologista Gustavo Machado, do hospital Mater Dei e membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD), afirma que o que mais preocupa os médicos é justamente a banalização da exposição a essas luzes como padrão estético saudável.

Segundo ele, enquanto muitas pessoas ainda associam pele bronze-

ada à saúde e vitalidade, o bronzeado representa, na verdade, uma reação de defesa da pele após agressão causada pela radiação ultravioleta.

O médico ainda explica que tanto o bronzeamento natural quanto o artificial provocam danos cumulativos ao DNA das células. Parte dessas lesões até é reparada pelo orga-

nismo, mas outra parte permanece acumulada ao longo dos anos, aumentando o risco de manchas, perda de elasticidade, envelhecimento precoce e câncer de pele.

Para o oncologista Carlos Frederico Lopes Benevides, professor da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia (Ufba) e gerente de Ensino e Pesquisa do Hospital Universitário Professor Edgard Santos, esse comportamento revela um fenômeno cada vez mais comum: pessoas que conhecem os riscos, mas seguem encarando o bronzeamento como algo associado ao bem-estar e à estética.

Segundo o médico, a exposição repetida à radiação UVA ou UVB na juventude é especialmente preocupante porque os danos são progressivos e silenciosos. Queimaduras solares frequentes, principalmente aquelas com vermelhidão intensa ou bolhas, aumentam significativamente o risco de desenvolvimento de câncer de pele ao longo da vida.



pc/bahia

SAÚDE



METROPOLE

“Sou a técnica mais nova do setor, comprei carro, estou construindo minha casa e faço faculdade de Engenharia Mecânica. A Acelen me deu a dignidade e a oportunidade de mudar meu futuro.”

**Veriane Ladislau.**  
Ex-Programa Jovem Aprendiz e hoje Técnica de Segurança do Trabalho na Acelen.

**Acelen Ano 5.**

*Uma história feita de histórias reais.*

**Os programas sociais e ambientais da Acelen já impactaram milhares de pessoas na Bahia.**

Desde que chegou à Bahia, a Acelen deu atenção especial às comunidades do entorno, levando a milhares de pessoas programas de educação, saúde, formação profissional e proteção ao meio ambiente. Preparou mais de 300 jovens para o mercado de trabalho, capacitou colaboradores e formou 37 técnicas em petroquímica, dando protagonismo às mulheres. É acreditando e investindo no sonho das pessoas que a Acelen escreve a sua história.



CONFIRA A HISTÓRIA COMPLETA DE VERIANE

**acelen**

# Quem será o homem-gol do Brasil?

A Copa do Mundo se aproxima, mas a Seleção ainda não tem suas referências de ataque definidas numa lista que inclui Vini Júnior, Raphinha, Endrick, João Pedro e Igor Thiago

Texto **Vitor Bahia**

[redacao@radiometropole.com.br](mailto:redacao@radiometropole.com.br)

Faltando somente um mês para o início da Copa do Mundo, muitas incertezas ainda cercam a Seleção Brasileira. Nomes faltam ser confirmados, e o time titular é incerto. Porém, a pergunta que não quer calar é: quem vai ser o homem gol do Brasil? Quem vai ser o responsável por marcar os gols quando a situação apertar? Apesar de vários atacantes brasileiros serem destaque no mundo, ainda não despontaram com a camisa pentacampeã.

A Seleção Brasileira é a equipe que, historicamente, mais teve artilheiros das Copas do Mundo: Leônidas da Silva, Ademir de Menezes, Garrincha, Vavá e Ronaldo Fenômeno. Atualmente, nenhum dos ditos protagonistas têm sequer dez gols pelo Brasil desde a última edição do torneio, há quatro anos. Ainda assim, Carlo Ancelotti é especialista em extrair o potencial de seus jogadores, como fez com Vinicius Júnior, no Real Madrid.

Raphinha e Vinicius Júnior são dois dos protagonistas de Barcelona e Real Madrid, respectivamente. Um foi eleito melhor do mundo, o outro poderia ter sido, nas duas últimas edições da premiação da Fifa. Ambos são nomes praticamente certos no time titular do Brasil e têm entregado 20 gols ou mais nas temporadas de seus clubes. Na Seleção, entretanto, ainda são extremamente inconsistentes, mas em um torneio de poucos jogos, tudo pode mudar.

## NOVAS ESPERANÇAS

Na Inglaterra, os centroavantes João Pedro, do Chelsea, e Igor Thiago, do Brentford, somam 20 gols ou mais na atual temporada. Mas é na chuteira do jovem Endrick, de 19 anos, que a torcida mais tem esperança. Endrick teve um início meteórico no Lyon, na França, e decidiu jogos até mesmo contra o atual campeão da Europa, o PSG. Pela Seleção, o garoto teve poucos minutos, mas quase sempre que entra em campo consegue desequilibrar jogos. Ele pode ser o homem de referência que os brasileiros tanto esperam.



rafael ribeiro/cbf

ESPORTE

METROPOLE

## UFC de Trump

Também falta um mês para o evento de MMA mais esperado do ano. O UFC Freedom 50, que será realizado na Casa Branca, receberá o espanhol Ilia Topuria para disputar o cinturão dos leves contra o americano Justin Gaethje. O brasileiro Alex Poatan também fará parte do evento principal da noite, e o cinturão interino dos pesados estará em jogo na batalha contra o francês Cyril Gane.

## Além de CR7

O Barcelona foi campeão do Campeonato Espanhol em cima do Real Madrid, seu maior rival. Por incrível que pareça, o jovem de 18 anos Lamine Yamal e o brasileiro Raphinha, ambos do time catalão, já superaram Cristiano Ronaldo na quantidade de títulos espanhóis. São três títulos para a dupla e dois para o português, que jogou na equipe de Madrid por quase uma década.

MÁRIO KERTÉSZ  
*entrevista*  
FERNANDO MORAIS

COM SEU NOVO LIVRO: LULA, VOLUME 2: BIOGRAFIA

14 de maio, às 18h  
Auditório da FIEB - Stiep

Inscrições gratuitas: (71) 3505-5000

ENVIE "MK entrevista"



Patrocínio:



**BAHIAGÁS**  
COMPANHIA DE GÁS DA BAHIA

GOVERNO DO ESTADO  
**EAHA**

DO LADO  
DA GENTE

Apoio:

**embasa**  
Por você, pela Bahia, pela futura



Como Mágica  
Netflix | Filme, Animação  
Aventura e Comédia



Socorro!  
Disney+ | Filme  
Suspense e Comédia



O Justiceiro: Uma Última Morte  
Disney+ | Filme  
Ação e Drama



O Segredo de Widow's Bay  
Apple TV | Série, 10 episódios  
Comédia e Terror

# Filé do Streaming

Toda semana, uma rodada de séries e filmes pra você fugir da rolagem infinita nos streamings. Não garantimos ausência de spoiler, mas prometemos assistir antes pra você não precisar se arrepender depois

Texto **Victor Quirino**

[victor.quirino@radiometropole.com.br](mailto:victor.quirino@radiometropole.com.br)

Troca de corpos já virou um recurso clássico do cinema, mas *Como Mágica* encontra o próprio caminho ao transformar essa confusão em uma aventura cheia de reviravoltas. Disponível na Netflix, a animação acompanha um pássaro e uma criatura da floresta que, inimigos por natureza, precisam sobreviver após acordarem na pele um do outro. O filme aposta no humor leve e remete às animações dos anos 2000, como *Irmão Urso*, feitas para divertir crianças e capazes de emocionar qualquer adulto.

Depois de uma aventura marcada por trocas de identidade, *Socorro!* nos leva para um território bem mais caótico. Recém-chegado ao Disney+ após passagem pelos cinemas, o filme acompanha uma funcionária e seu chefe que, após sobreviverem a um acidente de avião, ficam presos em uma ilha deserta. Dirigido por Sam Raimi, conhecido pela trilogia de *Homem-Aranha*, o longa mistura humor ácido e pequenas doses de terror, transformando o clássico cenário de sobrevivência em uma disputa de ego

e poder que beira o absurdo.

Sem sair do Disney+, o caos dá lugar à violência com *O Justiceiro: Uma Última Morte*. Continuação da série estrelada por Jon Bernthal e conectada aos acontecimentos de *Demolidor: Renascido*, o filme acompanha Frank Castle tentando abandonar o ciclo de vingança que o consumiu. A produção aposta justamente no que sempre tornou o *Justiceiro* diferente dentro do universo Marvel: a sensação de que, por trás da violência, existe alguém incapaz de escapar do próprio passado.

Entre personagens violentos e antigos fantasmas, *O Segredo de Widow's Bay* mostra que cidades inteiras também podem carregar cicatrizes. A nova série da Apple TV acompanha um prefeito tentando transformar sua pequena ilha em um polo turístico, enquanto eventos estranhos fazem os moradores acreditarem que o local seja amaldiçoado. Misturando comédia e terror sobrenatural, a produção remete aos famosos contos de Stephen King ambientados em cidades pequenas onde ninguém parece emocionalmente estável.

## Baú de Relíquias

**Era Uma Vez no Oeste** Muito antes dos westerns virarem sinônimo de ação frenética e sequências de tiroteios, o gênero costumava dar protagonismo ao silêncio e à tensão. Disponível na Netflix, o clássico de 1968 dirigido pelo italiano Sergio Leone, principal nome do chamado faroeste espaguete, acompanha uma disputa brutal por terras, misturando vingança, ganância e personagens moralmente ambíguos em uma história marcada pelo clima árido do Velho Oeste, sob a icônica trilha do maestro Enio Morricone. Conhecido por clássicos como *Era Uma Vez na América* e *Três Homens em Conflito*, Leone conduz o longa como uma verdadeira ópera do faroeste, de forma lenta e absolutamente hipnotizante.

## Laranjada

**Terror em Silent Hill** Para ir direto ao ponto, o filme não vale o tempo gasto. É desastroso, do tipo que leva ao questionamento de como algo assim chegou a ser lançado. A montagem é tosca, o ritmo é descompassado e nada parece ser levado a sério, exceto os próprios personagens, presos a um texto ruim e atuações ainda piores. Os efeitos especiais são um espetáculo à parte, no pior sentido possível. A única coisa minimamente reconhecível é a semelhança com a saga de videogames que serve de material original. Ainda assim, é pouco, quase nada. Este, definitivamente, é o pior filme que já esteve nesta página.

Coordenadora **Kamille Martinho**  
kamille.martinho@metro1.com.br

# Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

## Nega Lôra

Bolsonaristas estão inundando as redes sociais com posts nos quais bebem detergente ou tomam banho com Ypê. O objetivo é provar que a Anvisa está errada no diagnóstico de contaminação e que Darwin estava certo. A evolução natural da espécie está acontecendo ao vivo nesse momento.

## Lindinalva

O mascote das eleições 2026, Pilili, mal nasceu e já está dando o que falar. Em Brasília o que se comenta é que o Tribunal Superior Eleitoral batizou a urna eletrônica com esse nome para homenagear Vorcaro (peleleca).

## Rick

Quando eu era pequena meu pai tinha um livro que na capa estava: "O PRÍNCIPE MAQUIAVEL" e eu ficava muito curiosa sobre a história do príncipe que se permitia ser maquiado.

## Só os loucos sabem

Abençoada a raiva que me motivou. Nem tudo se faz com amor.

## Cida

É impressão minha ou os Bolsonaro puseram mão energia pra soltar Ramagem do que para combater a Covid?

## Guto

Pilili foi apresentado no início do mês e traz uma representatividade. O mascote não tem voz, assim como todos os brasileiros ficaram ao saber do escândalo do master.

## Dora

Dor no corpo é tipo barulho no carro se não piorar em 4 dias não é nada

## Trump

Esse negócio de fazer um dia de dieta e não emagrecer 10kg é o que desanda tudo

## Fausto Silva

Queria muito poder cobrar de quem suga energia. Tipo assim: você me custou 3 dias para eu regular meu sistema nervoso de novo, então ficou 5 mil, fora os impostos

## Maria

Eu ando fazendo tudo, menos indo marcar meus exames pois quem procura acha e eu não estou querendo achar nada.



PRA  
CADA  
VIDA  
QUE  
MUDA,  
NASCE  
UMA

# NOVA BAHIA

Lucas Oliveira é estudante de uma das 700 Escolas Estaduais de Tempo Integral da Bahia, passa mais tempo aprendendo e, agora, sonha com novas oportunidades.

Quando a educação constroi o futuro, quando a porta da casa própria se abre, quando o atendimento de saúde chega mais perto, quando a estrada avança, a água boa chega, o emprego cresce, o investimento na agricultura aumenta, a vida melhora.

O Governo da Bahia está ao lado da nossa gente e, com a força da parceria Bahia-Brasil, mudando a vida das pessoas. Essa é a verdadeira transformação.



GOVERNO DA  
**BAHIA**

DO LADO DA GENTE